

Título: “Quem tem medo do lobo mau: a questão da saúde mental entre adolescentes na contemporaneidade”

Mirella Soares (aluna bolsista – Curso Técnico em Eletromecânica integrado ao Ensino Médio)

Profa Dr^a Jéssica Félix Nicácio Martinez – EBTT (coordenadora)

Profa Dr^a Regiani Zornetta – EBTT

Resumo: Instituiu-se na contemporaneidade uma constante exigência social pelo bem estar da vida. Tal obrigatoriedade nega aos indivíduos as possibilidades de se compreender o sofrimento e a dor como formas inerentes ao desenvolvimento humano e aprendizados fundamentais à existência social. A manifestação de transtornos mentais apresenta-se, assim, na contemporaneidade, como uma “doença” que deve ser tratada e “curada”, retirando dessa construção social e humana sua complexidade e multidimensionalidade. O projeto de ensino “Quem tem medo do lobo mau: a questão da saúde mental entre adolescentes na contemporaneidade” buscou produzir um espaço de debate e reflexão, dentro do IFSP-Itapetininga, sobre as questões associadas aos processos humanos de passagem da infância para a vida adulta, contribuindo, com isso, para reduzir o sofrimento percebido entre os alunos do médio integrado diante das tensões próprias da existência e da condição humana.

Palavras-chave: ADOLESCÊNCIA; SAÚDE MENTAL; SOFRIMENTO MENTAL; CONDIÇÃO HUMANA

Linha Temática: Ensino e Aprendizagem (EA)

INTRODUÇÃO.

Instituiu-se na contemporaneidade uma constante exigência social pelo bem estar da vida. Tal obrigatoriedade nega aos indivíduos as possibilidades de se compreender o sofrimento e a dor como formas inerentes ao desenvolvimento humano e aprendizados fundamentais à existência social. A manifestação de transtornos mentais apresenta-se, assim, na contemporaneidade, como uma “doença” que deve ser tratada e “curada”, retirando dessa construção social e humana sua complexidade e multidimensionalidade. O projeto de ensino “Quem tem medo do lobo mau: a questão da saúde mental entre adolescentes na contemporaneidade” buscou produzir um espaço de debate e reflexão, dentro do IFSP-Itapetininga, sobre as questões associadas aos processos humanos de passagem da infância para a vida adulta, contribuindo, com isso, para reduzir o sofrimento percebido entre os alunos do médio integrado diante das tensões próprias da existência e da condição humana. Tal atividade foi proposta em decorrência de uma demanda desencadeada pelos próprios discentes do Integrado, que no início do ano letivo demonstraram um nível elevado de questões associadas a ansiedade, depressão, transtornos da aprendizagem, entre outros. Foi exatamente com o objetivo de atender a essa demanda que buscou-se com o projeto “Quem tem medo do lobo mau” o desenvolvimento de um espaço de debate e reflexão, no qual fosse possível a abordagem do tema da saúde mental de um ângulo diferenciado, utilizando-se de ferramentas pedagógicas não tradicionais, com o intuito de atingir um maior número de alunos possível. Diante deste cenário, decidimos, então, pela abordagem cinematográfica, como um meio - através da arte e da cultura - de tornar o tema da saúde mental mais adequada ao universo dos adolescentes. Foi assim que, ao longo de todo o projeto, propusemos aos discentes do campus

o desenvolvimento de um novo olhar sobre as questões associadas a melancolia, a depressão, ao uso de entorpecentes em geral, a loucura, ao tratamento manicomial, a insanidade humana etc. Os filmes escolhidos pela equipe responsável pelo projeto tinham como objetivo principal estabelecer a reflexão e o diálogo em torno das questões acima indicadas e, ainda, de despertar nos alunos o interesse pela arte.

1. Fundamentação teórica

Estudiosos do campo da saúde pública no Brasil investigaram que as doenças crônicas não transmissíveis são a principal fonte de carga de doença no país e os transtornos “neuropsiquiátricos” detêm a maior parcela de contribuição, especialmente, a depressão, as psicoses e as necessidades decorrentes do uso de álcool. A depressão afeta de 5 a 10% dos adultos e 30% dos brasileiros relataram sintomas de estado misto de depressão e ansiedade, com maior prevalência em pessoas com níveis mais baixos de escolaridade e renda e aquelas que estavam desempregadas (VICTORIA et al, 2011).

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), os problemas de saúde mental em crianças e adolescentes são comuns e encontram-se entre 10 a 20%. No Brasil, a taxa de prevalência está entre 10,8% e 12,7%. Sendo os mais comuns: ansiedade (5,2%-6,2%), conduta/comportamento (4,4%-7%), hiperatividade (1,5%-2,7%), depressão (1,5-1,6%) e autismo (abaixo de 1%). Importante destacar que, alguns transtornos são prioritários na adolescência, como a depressão, o suicídio e as psicoses. A depressão ocorre três vezes mais em jovens do que em adultos e seu quadro pode ser mascarado pelas mudanças inerentes a essa fase da vida como agressividade, alterações de humor e sono. Também é importante considerar a exposição desse grupo a violência, com aumento de mortes por causas externas, principalmente homicídios (BENETTI et al, 2007).

Na sociedade brasileira, a criança e o adolescente passam a ser compreendidos como sujeitos de direitos e de proteção integral no processo de redemocratização do país, com a Constituição de 1988 e as conquistas sociais da década de 1980 e 1990, especialmente com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Historicamente, a psiquiatria do século XIX não considerava que a criança ou adolescente pudesse adoecer mentalmente, pois a loucura era compreendida como um “desvio das faculdades racionais constituídas”, atingindo, portanto, somente os adultos. Apenas em 1930, com o arcabouço teórico da psicanálise que foi possível compreender as “particularidades da vida psíquica da criança”. Esse referencial foi coeso até 1980 quando houve um processo de “remedicalização”, também denominado de “psiquiatria biológica”, que, no contexto infantil, levou a criação e disseminação de “novos” transtornos. Esse processo gerou a banalização de diagnósticos, do qual é emblemático o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), o aumento de diagnósticos de vários transtornos em uma mesma criança (comorbidades) e uso prioritário e, por vezes, excessivo de psicofármacos como recurso terapêutico. Embora, também seja fruto desse processo um maior conhecimento sobre os transtornos mentais desse grupo e do acesso ao tratamento (JORGE; CARVALHO; SILVA, 2014).

Considerando as consequências do processo de medicalização social, Soalheiro e Mota (2014) questionam uma suposta epidemia de transtornos mentais e alertam para uma “cultura produtora de subjetividades medicalizadas”. Os autores tecem críticas a medicalização da vida e, de forma particular, analisam o entrelaçamento de um hiperdimensionamento das classificações das psicopatologias com a indústria de psicofármacos que a cada transtorno fabricado produz um mercado consumidor e um psicofármaco correspondente.

Segundo Soalheiro e Mota (2014), esse quadro parece ter fundamento na constante exigência de bem estar da vida contemporânea, a qual nega as possibilidades de sofrimento e dor como adversidades e aprendizados inerentes à existência humana. A centralidade do trabalho e as novas exigências da vida num capitalismo globalizado e competitivo colocariam qualquer sofrimento em um campo que deve ser combatido.

Neste contexto, o discurso técnico e de medicalização assumem um sentido mítico, onde a crença num suposto poder ilimitado da ciência produziria a medicalização da e na sociedade, uma vez que comportamentos e acontecimentos da vida cotidiana agora se tornariam passíveis de tratamento, cura e prevenção. Uma visão fantasiosa da realidade, onde a doença e a necessidade de remédios seriam permanentemente fabricadas. Os psicofármacos, tornados bens de consumo, passam a serem vistos como uma panaceia para todos os males do espírito, suprimindo as variações de humor, a tristeza, e todo tipo de sentimento agora considerados inadequados (SOALHEIRO; MOTA, 2014).

Nessa trilha, para Sartre (1987) o homem é angústia. É também desamparo. E é desespero. Ele é angústia, porque lhe é impossível escapar de todo ao peso da responsabilidade da escolha: somos, ainda que situados numa determinada cena histórica e social, livres para escolher os caminhos que se nos oferecem. A liberdade nos torna responsáveis, e a responsabilidade é experimentada como angústia. Ainda mais, porque a liberdade é exercida numa condição de absoluto desamparo, isto é, nada fundamenta o ato da escolha. Ora, não há um mundo inteligível, o qual forneceria para este mundo cá de baixo os padrões de Bondade, Beleza e Verdade (todos com suas respectivas maiúsculas). Não podemos estar certos da existência de um criador que conferiria o fundamento da decisão em sua vontade absoluta. E mesmo que se tenha fé, a própria fé é uma decisão tomada de forma desamparada. O desamparo, trocando em miúdos, aponta para o fato de que a escolha é tomada sem que se tenha para isso qualquer fundamento. Por fim, há o desespero, mas não num sentido de um profundo sofrimento psíquico, o desespero indica apenas que, uma vez feita a escolha, nada se pode esperar, nada garante que tudo correrá bem. Em suma, para Sartre (1987), isto é o homem: ele é essa experiência de, sob o vazio, escolher livremente o que se pretende ser, dentre as opções que se lhe oferecem na cena histórico-social, sem poder esperar contar com nenhuma providência, e responsabilizando-se pela escolha de si.

Compreendemos, portanto, que as fronteiras entre aquilo que poderíamos denominar de “normal” ou “patológico” são variáveis e ambíguas, por exemplo, da passagem de uma tristeza à depressão, das variações de humor ao transtorno bipolar ou de quando a agitação das crianças passaria a ser considerada transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (SOALHEIRO; MOTA, 2014). Nesse sentido, as experiências psíquicas constituem-se em processo multicausal que abarca elementos orgânicos, sociais, culturais e econômicos, vividos de forma singular pelos sujeitos, não restritos apenas à concepção do sofrimento psíquico como doença localizada no corpo, mas sim a existência-sofrimento (JORGE; CARVALHO; SILVA, 2014).

Com o desenvolvimento do projeto percebemos a necessidade de ampliar a fundamentação teórica em razão da especificidade das temáticas dos filmes e da formação acadêmica dos professores envolvidos no projeto. Essa ampliação também ocorreu com objetivo de diversificar a dinâmica de debates dos filmes. Por esses motivos elencamos abaixo as referências utilizadas nesse processo:

1. “O Suicídio” do Durkheim e “sobre o suicídio” do Marx. Assim como textos selecionados da obra Vigiando e Punindo do Foucault.
2. Capítulo do livro “o tempo e o cão” de Maria Rita Kehl; uma entrevista de Eduardo Mourão para a revista Poli da EPSJV/FIOCRUZ e as partes introdutórias do livro “Drogas e Cultura: novas perspectivas”.
3. Livro “Saúde mental e atenção psicossocial” do Paulo Amarante.
4. Textos do Freud intitulados de “Mal-estar na civilização” e “O futuro de uma ilusão”.

2. Resultados

O projeto contribuiu para criar no câmpus um espaço de debate e discussões sobre o sofrimento mental dos adolescentes na contemporaneidade com temas como a melancolia e a angústia, tratando-os como uma questão humana, isto é, para além de um problema médico. Também serviu para dar voz aos alunos durante as discussões sobre os temas que foram relevantes considerando a realidade por eles vivida.

O projeto também contribuiu para superar pré-conceitos relacionados à saúde mental que antes eram conhecidos superficialmente pelos alunos, como a questão da loucura, do tratamento manicomial, das drogas e dos projetos societários envolvidos nessas discussões. O que também fez com que os estudantes pudessem reconhecer o sofrimento como uma dimensão da existência humana e não só como uma patologia.

É importante relatar que, a princípio, um dos nossos objetivos era enfrentar as demandas relacionadas ao sofrimento mental percebido entre os estudantes dos dois cursos técnicos integrados ao ensino médio do câmpus Itapetininga, no entanto tivemos dificuldades em mobilizar os estudantes do curso de Informática. Esses alunos participaram de forma esporádica das sessões. Avaliamos que talvez um dos elementos dessa baixa participação possa ter sido a falta de referência de um estudante bolsista desse curso no projeto. Outros aspectos ligados a essa dificuldade estão mais detalhados no item *auto-avaliação*.

De maneira geral, as atividades previstas para a organização do projeto foram adequadas para o seu desenvolvimento. Assim, realizamos três encontros da equipe do projeto (coordenadora do projeto, professores colaboradores e aluna bolsista) com a intenção de:

- 1) selecionar os conteúdos que seriam abordados para preparação da sessão de cinema;
- 2) ler e discutir os textos que iriam subsidiar a abordagem dos conteúdos; e
- 3) organizar a sessão de debate com a comunidade do IF.

A dinâmica das sessões de cinema foi diversificada para atender as particularidades e complexidades dos filmes. De maneira geral, realizamos uma roda de conversa com a mediação de um dos professores e da aluna bolsista, que a partir de um roteiro e/ou cenas selecionadas do filme, encarregaram-se, de maneira geral, da promoção do debate. Neste sentido, o aluno bolsista atuou como um mediador da discussão com apoio dos professores, que estavam presentes em todas as sessões promovidas.

Dessa maneira, para a sessão do filme “Nise - o coração da loucura” foi realizada uma dinâmica um pouco diferente do que havíamos construído nas primeiras sessões, pois o tema não se identificava como algo tão cotidiano como nos dois primeiros filmes apresentados. Para isso, foram utilizadas algumas fotos do livro “Holocausto Brasileiro”, de Daniela Arbex,

e também ilustrações de Cândido Portinari do livro “O Alienista”, de Machado de Assis. Junto às imagens em slides foram colocadas algumas frases de intelectuais do campo da saúde (também distribuídas no início da sessão) e frases do senso comum relacionadas à loucura. Além dos slides foram impressas algumas fotos e espalhadas pela sala da sessão, para que gerasse certa curiosidade e provocação nos participantes.

Assim como para a sessão do documentário Estamira também realizamos uma dinâmica um pouco diferente por conta da natureza e estética pouco atrativa do filme para estudantes do ensino médio. Assim, optamos por iniciar a sessão com a leitura de um texto para orientar as reflexões e o entendimento do filme. Dessa maneira, o professor Rafael Rodrigues foi responsável por apresentar o caso Schreber, analisado por Freud. Logo, ao final da exibição do documentário, realizamos o debate buscando relacioná-lo com o caso apresentado inicialmente.

2.1. Pesquisa sobre Estado da Arte em Educação e Saúde Mental

Com objetivo de nos aproximarmos do conhecimento acadêmico produzido em Educação e Saúde Mental, tema central do nosso projeto, realizamos busca de artigos publicados em duas bases de dados, SciELO e Bireme, voltadas para o campo da saúde. Dessa forma, a pesquisa foi realizada por meio de uso de palavras-chave relacionadas à temática citada para selecionar os artigos. Após esse processo, realizamos a leitura dos resumos dos artigos para selecionar aqueles que de fato estavam relacionados ao projeto de ensino. No total foram selecionados trinta e dois artigos, os quais posteriormente, com uma análise dos resumos, foram reduzidos para catorze.

Com relação à análise inicial dos artigos selecionados, observamos que não se tem produzido muita literatura no Brasil sobre a saúde mental e educação e a maioria delas trata de assuntos muito específicos como, por exemplo, uso de drogas como o crack (muitos resultados), saúde mental em adolescentes grávidas, saúde mental em adolescentes que sofrem de doenças terminais, entre outros.

A maioria dos textos analisados baseia-se em aportes teórico-metodológicos das ciências da natureza, de cunho quantitativo, que costumam usar estatística, quadros comparativos, tabelas, gráficos e questionários na elaboração, análise e exposição do objeto de estudo. Nesse sentido, observamos que essa maneira de produzir conhecimento, por exemplo, nos casos que estudam a depressão são usados questionários pouco específicos e escalas para quantificar o grau de depressão do indivíduo e assim padroniza-los.

Em alguns textos a saúde mental é tratada a partir de um viés negativo, diferentemente da concepção assumida no projeto, de forma que os problemas de saúde mental são vistos do ponto de vista biomédico que busca reduzir os sujeitos ao seu sofrimento/ doença a partir do olhar biológico. Alguns artigos parecem apontar para os tipos de tratamento que foram vistos nos filmes Bicho de Sete Cabeças e Nise.

Dos quatorze artigos lidos completamente, apenas quatro não apresentam os aspectos quantitativos e/ou biomédicos. Pode-se dizer que são muito diferentes e ao lê-los essa diferença fica muito clara, até no formato de escritura e com citações de autores que foram mencionados durante os estudos das sessões do projeto, como é o caso do Freud e Foucault.

CONCLUSÕES

O projeto nos pareceu suficientemente bem sucedido, mas começamos analisando o que nos pareceu como dificuldade. Em primeiro lugar, descobrimos que a estratégia do uso dos filmes para fomentar debates não é bem aceita pelos discentes. Desconfiamos fortemente que a raiz desta rejeição inicial esteja na forma ainda vulgar com a qual eles, em geral, lidam com as artes. O cinema, muito

especialmente, é reduzido ao mero entretenimento. Porquanto, filmes que pretendam provocar a reflexão, que demandem uma apropriação crítica dessa forma de arte, sejam taxados como “*filmes de velhos*”. Essa foi uma expressão usada por uma aluna em nossa primeira sessão. Ela estava surpreendida por não ter achado que o filme exibido fosse um deste tipo. De qualquer maneira, isso indica o quão baixa era sua expectativa em relação ao filme. Essa é, provavelmente, a raiz da baixa adesão enfrentada pela maioria dos projetos de ensino e extensão desta instituição. Os nossos alunos compreendem a escola apenas como aquele espaço no qual se tem aulas. Essas são dificuldades que precisam ser pensadas e discutidas institucionalmente para que sejam superadas.

Ainda sobre o público e sua adesão, convém recordar que este projeto visava especialmente demandas da turma do Médio Integrado em Informática. Essa foi a turma que no início do ano apontava com problemas mais sérios de ansiedade. No entanto, a adesão dessa turma foi especialmente baixa. O que nos questionar se nossa avaliação inicial da turma foi acertada, isto é, se a ansiedade diagnosticada era real, ou projeção do corpo docente.

A despeito do público abaixo do esperado, o projeto teve seu sucesso. Ele conseguiu proporcionar para os que dele participaram um espaço fecundo de discussão. E aqueles que participaram da maior parte das sessões compreenderam bem o fio condutor proposto.

Outro aspecto positivo foi, para nós docentes, a oportunidade de estudarmos e debatermos textos de forma conjunta. Foi uma oportuna ocasião para nos aproximarmos de textos da tradição psicanalítica.

REFERÊNCIAS

BENETTI, Silvia Pereira da Cruz; RAMIRES, Vera Regina Röhnelt; SCHNEIDER, Ana Cláudia; RODRIGUES, Ana Paula Guzinski; TREMARIN, Daniela. Adolescência e saúde mental: revisão de artigos brasileiros publicados em periódicos nacionais. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.23, n.6, p. 1273-1282, 2007.

JORGE, Marco Aurélio Soares; CARVALHO, Maria Cecília de Araujo; SILVA, Paulo Roberto Fagundes da (orgs). *Políticas e cuidado em saúde mental: contribuições para a prática profissional*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2014.

SARTRE, Jean Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3ª Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SOALHEIRO, Nina Isabel; MOTA, Flavio Sagnori. Medicalização da vida: doenças, transtornos e saúde mental. *Revista Polis e Psique*, v.4, n.2, p.65-85, 2014.

VICTORIA, Cesar Gomes; LEAL, Maria do Carmo; BARRETO, Maurício Lima; SCHIMIDT, Maria Inês; MONTEIRO, Carlos Augusto. *Saúde no Brasil: a série ‘The Lancet’*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011.